

Sarney só muda ministro com pacto

TARCISIO HOLANDA

O presidente Sarney só admite a hipótese de substituir os ministros da Fazenda e do Planejamento, Mailson da Nóbrega e João Batista de Abreu, se houver um pacto político entre os dirigentes de partidos com assento no Congresso e o Governo, onde se defina um programa de emergência para vencer os aspectos mais dramáticos da crise. Esta é a impressão manifestada por políticos ligados a Sarney no Congresso.

Se não tiver êxito a tentativa de entendimento que se empreende através das reuniões que o presidente do Senado, Nelson Carneiro, tem promovido em seu gabinete o Presidente manterá a atual equipe ministerial até o fim de seu mandato. "Poderá mudar um ministro se houver um imprevisto", explicou um dos políticos mais ligados ao presidente da República no Congresso.

ÚNICA ESPERANÇA

O Presidente continua sustentando junto aos líderes do Governo no Congresso e parlamentares de suas relações que a única esperança de reverter a nova escalada da inflação estaria na conclusão de um entendimento entre os dirigentes partidários em torno de um plano de emergência para enfrentar a crise.

Em contatos que manteve com lideranças governistas e com o senador Ronan Tito, líder do PMDB no

Senado, Sarney disse que, na hipótese de não se conseguir esse entendimento, a situação econômica poderá fugir inteiramente ao controle das autoridades, gerando uma situação política e institucional absolutamente imprevisível. Esta é a razão porque Sarney tem dito que fará qualquer coisa para que o acordo tenha êxito.

Segundo o senador Ronan Tito, o Presidente concordará em nomear um ministro extraordinário para a economia se os dirigentes e líderes partidários concluírem que este caminho é indispensável para que a inflação seja combatida com a necessária eficácia. O líder do PMDB no Senado empenha-se em conseguir o acordo interpartidário porque está convencido de que a eleição presidencial ficará em perigo se não se chegar a um entendimento.

Esta é, também, a posição de alguns políticos mais ligados a Sarney dentro do Congresso. Um deles, que pediu para não ser identificado, não acredita em eleição presidencial este ano se não se chegar a um grande pacto que permita ao Governo "aplicar um conjunto de medidas de sacrifício, as únicas capazes de evitar a hiperinflação".

Este parlamentar mostra-se cético quanto às chances de um pacto político no âmbito do Congresso, observando que normalmente as lideranças políticas não desejam assu-

mir qualquer responsabilidade. "O Congresso acaba de demonstrar, no final desse primeiro semestre, que está mais inclinado a criar despesas do que apoiar políticas de austeridade, que é o que o País reclama agora", disse um senador amigo de Sarney.

De acordo com esse político, que tem mantido frequentes conversações com Sarney nos últimos dias, o Presidente ficou profundamente irritado com a derrubada de seus vetos pelo Congresso e com o grande aumento de despesas, sobretudo para a Previdência Social. Sarney ficou certo de que, com a derrubada desses vetos, o Congresso tornou mais difícil uma solução para a crise econômico-financeira.

O senador Ronan Tito tem sustentado junto a parlamentares de diferentes partidos que se não houver o acordo, o País será sacudido por uma crise traumática, "porque a hiperinflação baterá em nossas portas, liquidando com a moeda e gerando um quadro de agitação e até de convulsão social".

"Não se trata de apoiar o governo Sarney, mas um programa mínimo que garanta a superação dos aspectos mais agudos da crise", sustenta o líder da bancada do PMDB no Senado, em meio ao ambiente de ceticismo como vem sendo encarada no Congresso a proposta de pacto político.

Presidente viaja sexta para Argentina

O presidente José Sarney embarca, na próxima sexta-feira, às 12h40, na Base Aérea de Brasília, com destino à Argentina, onde participará da cerimônia de posse do novo presidente daquele país, Carlos Menem. A chegada do presidente José Sarney em Buenos Aires está prevista para as 16h15. No mesmo dia, às 19h participará de uma recepção oferecida pelo presidente Raúl Alfonsín, no Palácio San Martins, sede do Ministério das Relações Exteriores da-

quele país. As 21h30 Sarney irá a um jantar na embaixada do Peru.

No dia seguinte, sábado, o Presidente começa sua programação oficial participando de um ato solene na sede do Legislativo e às 12 horas assiste às cerimônias de posse do novo presidente, na Casa Rozada, Palácio do Despacho dos presidentes argentinos. No mesmo dia, às 19h Sarney terá uma recepção na embaixada do Brasil, em Buenos Aires,

e às 22 horas, assistirá a um espetáculo no Teatro Collon.

No dia 9, o presidente José Sarney terá café da manhã, às 8 horas, na embaixada do Uruguai, junto com outros presidentes de países da América do Sul. Logo depois ele retorna ao Brasil.

Essa programação poderá ainda sofrer modificações, conforme informações da Secretaria de Imprensa e Divulgação do Palácio do Planalto.

Do Planalto não sai apoio, apenas torcida

MARIA ROSA COSTA

Dois anos depois de ter sido cabo eleitoral dos mais cortejados, o presidente José Sarney viverá a última eleição de seu mandato de forma totalmente oposta. Ele não participará das campanhas e nem mesmo responderá às críticas dos candidatos.

E assim que o senador Edison Lobão (PFL-MA) sintetiza a postura que o presidente da República terá até a eleição de 15 de novembro. Lobão garante que Sarney se limitará a torcer por Aureliano Chaves, do PFL, cuja candidatura foi homologada no último domingo.

De acordo com o senador, o presidente está ciente de que as críticas se tornarão mais constantes a partir de agora, dentro da estratégia que os candidatos supõem ser a correta. Mas nem mesmo assim terão respostas, encarregando-se o ministro da Justiça, Oscar Corrêa, apenas de preservar o Governo e a figura do Presidente contra denúncias imprevistas.

A preferência por Aureliano é considerada por Lobão como a "mais coerente". O ex-ministro

deixou o Governo em paz e nunca hostilizou o presidente Sarney, ao contrário dos que são aliados do candidato do PMDB, Ulysses Guimarães.

Edison Lobão tem como certo que Sarney retornará à vida política se candidatando, por Goiás, a uma cadeira do Senado. A vaga do Maranhão ficará para o governador Epitácio Cafeteira, do PDC, que deverá se desincompatibilizar em maio para disputar a eleição de novembro do próximo ano.

HERDEIRO

Um hábito respeitado até mesmo nos governos militares, o de existir um candidato — não do governo em toda sua extensão — mas do Palácio do Planalto, está sendo abandonado. Um assessor presidencial garante que a preferência por Aureliano não terá ressonância nos demais ministros palacianos. O ex-ministro andou trocando farpas com Ronaldo Costa Couto, do Gabinete Civil, e com Bayma Denys, do Gabinete Militar, quando pedia aumentos do preço da gasolina.